

CAPÍTULO 5

ANÁLISE DO RESULTADOS DO MAPA DE SIMULAÇÃO

Com o levante histórico da localização e distribuição das florestas gaúchas, feitas por este trabalho, bem como a previsão de como essas áreas florestais tendem a se comportar no futuro, pode-se descrever agora algumas características que envolvem a localização das áreas de usos florestais e as sucessíveis mudanças, às quais estas áreas estarão provavelmente sujeitas.

Trabalhando em uma escala onde o pixel representa no terreno uma área de 6,25 hectares (250x250m), evidenciam-se desde os três mapas de classificação do uso da terra referente aos anos de 1988, 1998 e 2007, até o mapa derivado da simulação estocástica de 2020, algumas áreas que quanto ao uso das classes florestais (floresta nativa, florestamento implantado e capoeirão) apresentam algumas peculiaridades na sua forma de ocupação da paisagem.

Desta forma, como uma região de uso florestal ordenado, pode-se mencionar a parte norte do Estado do Rio Grande do Sul, que por ter predomínio amplo de lavouras apresenta áreas florestais sob o formato de pequenas manchas isoladas que de forma geral representam áreas remanescentes das vastas florestas classificadas como Floresta Estacional Decidual, pertencentes ao quadro da vegetação natural típica desta região. Essas manchas florestais muitas vezes se localizam em áreas mais acidentadas ou úmidas inadequadas ao uso agrícola. Assim quanto mais ao norte do mapa (proximidades da margem direita do rio Uruguai), mais se tornam comuns os remanescentes florestais, que geralmente passam a ser ligados por corredores formados pelas matas de galeria.

Nessa região do Rio Grande do Sul, as três classes de uso florestal relacionadas por esse trabalho não se diferenciam muito quanto à localização e distribuição, porém as áreas de capoeirão e de reflorestamento não são tão presentes quanto às áreas de florestas nativas. Merecem destaque ainda na região norte do Estado três grandes áreas florestais pertencentes a territórios de preservação florestal monitorados e controlados por entidades do Governo, (Figura 39).

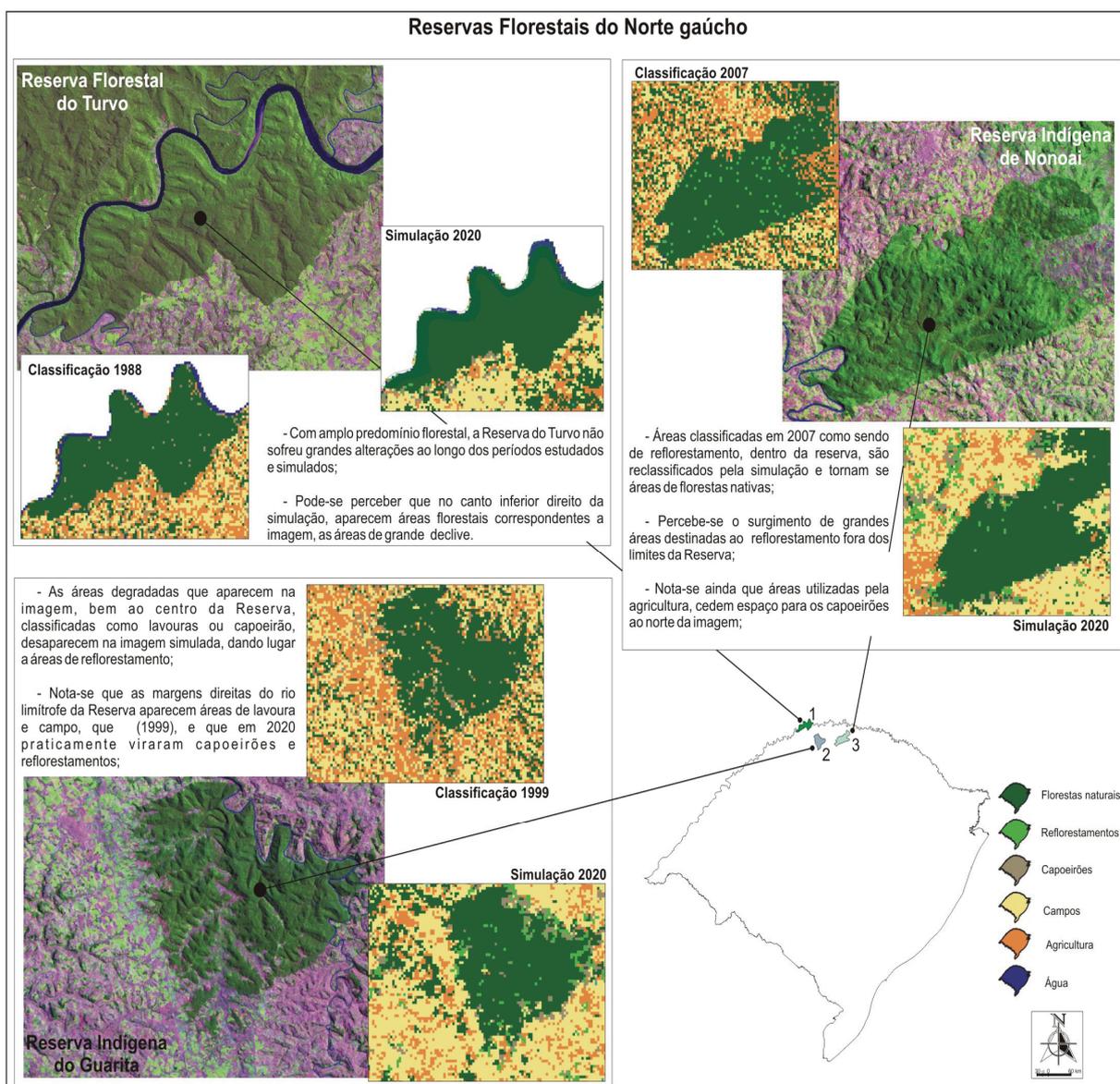


Figura 39 – Localização das maiores áreas Florestais no norte gaúcho. Elaboração: HENDGES (2007).

- Parque Florestal do Turvo, se localiza nas margens do rio Uruguai, possui aproximadamente 18.000 hectares e seu território é coberto quase que em sua totalidade por florestas nativas. Em todos os períodos estudados não ocorreram grandes alterações de uso da terra nessa Reserva;
- A Reserva Indígena do Guarita, que leva o nome do rio que a corta, está situada nas imediações de Tenente Portela e possui cerca de 24.000 ha. Parte das terras desta reserva são ocupadas pela agricultura, porém esta mostra um significativo aumento nas áreas capoeirões e de reflorestamento ao longo dos anos estudados;

- A Reserva Florestal de Nonoai, localizada nas proximidades do Município de Nonoai, conta com quase 20.000 ha. Ocupada por índios de tribos Kaingang essa Reserva também possui grande parte de seu território sob o domínio florestal, não sofrendo portanto grandes alterações de uso da terra ao longo anos pesquisados.

Além das grandes áreas florestais, na região mais ao norte do Rio Grande do Sul merecem destaque no mapa de simulação do uso florestal do ano de 2002, os adensamentos de florestas nativas localizadas na região noroeste e o surgimento de novas áreas destinadas ao reflorestamento no norte do Estado, (Figura 40).

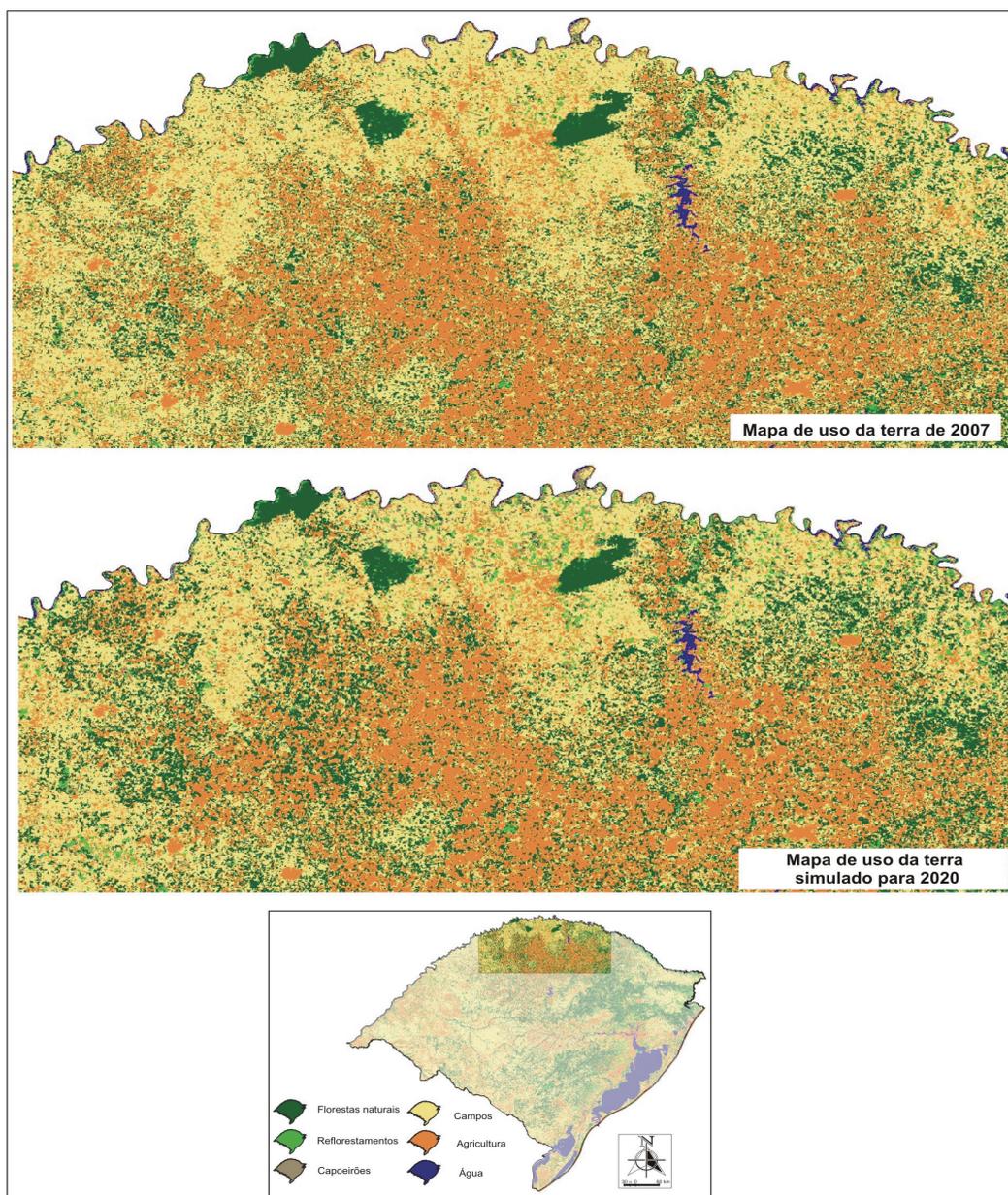


Figura 40 – Concentração da maior evolução florestal no norte Gaúcho. Elaboração: HENDGES (2007).

Outra área distinta em solo gaúcho quanto às características de uso da terra florestal é uma estreita faixa de terras, localizada na região central do Rio Grande do Sul. Essa faixa que acompanha a região geomorfológica do Rebordo do Planalto começa em baixas altitudes e vai se alargando conforme o aumento das altitudes. Têm-se nessa região grande parte das florestas nativas do Estado, a parte central e principalmente nordeste, também possuem muitas áreas de reflorestamento de espécies exóticas. Essa região do mapa se caracteriza ainda por apresentar áreas bastante íngremes. Desta forma a região central é a que mais contribui para o aumento dos capoeirões simulados para o ano de 2020, (Figura 45). Este fato ocorre como consequência da utilização de muitas áreas de declividade acentuada para o cultivo agrícola e que são facilmente submetidas aos processos erosivos sendo então em seguida abandonadas.

Essa característica descrita anteriormente não se remete somente as áreas de elevada declividade, pois na região central do Rio Grande do Sul em áreas de várzea e também nas proximidades dos rios, o uso de capoeirão se fez bastante presente na simulação representativa do ano de 2020. Essas novas áreas de capoeirões mapeadas surgiram em sua grande maioria de lavouras que já possuíam em sua proximidade áreas de capoeiras ou até mesmo reflorestamentos. A Figura 46 ilustra o surgimento de novas áreas de capoeirão na região central do Estado.

As figuras 41 e 42, mencionadas apresentam também uma característica presente no mapa da simulação, que consiste na baixa taxa de desflorestamento sofrida pelas florestas nativas na região central do Rio Grande do Sul. Ao olhar as imagens classificadas de 2007 e a simulação correspondente a 2020, pode-se perceber a manutenção de praticamente todas as manchas de florestas, não aumentando portanto nessa parte do mapa do Estado outros contingentes de classes de uso da terra, como as lavouras, os campos nativos, os afloramentos rochosos, etc...

Em algumas áreas mais isoladas da região central do Rio Grande do Sul, pode-se mencionar ainda o elevado número de áreas de capoeirão que tiveram seu processo de regeneração natural interrompido, tornando-se áreas de cultivo agrícola. Essa prática pode ser explicada pelo manejo agrícola empregado em regiões onde predominam as pequenas e médias propriedades rurais, que utilizam técnicas de pousio do solo que consistem no abandono cíclico de algumas lavouras por um determinado tempo afim de recuperar os microorganismos e a fertilidade natural da terra. Esse abandono por alguns anos permite o

surgimento de capoeirões e de florestas em estágio inicial de desenvolvimento, porém antes de aumentar o porte e o número de árvores, essas áreas são reaproveitadas como lavouras.

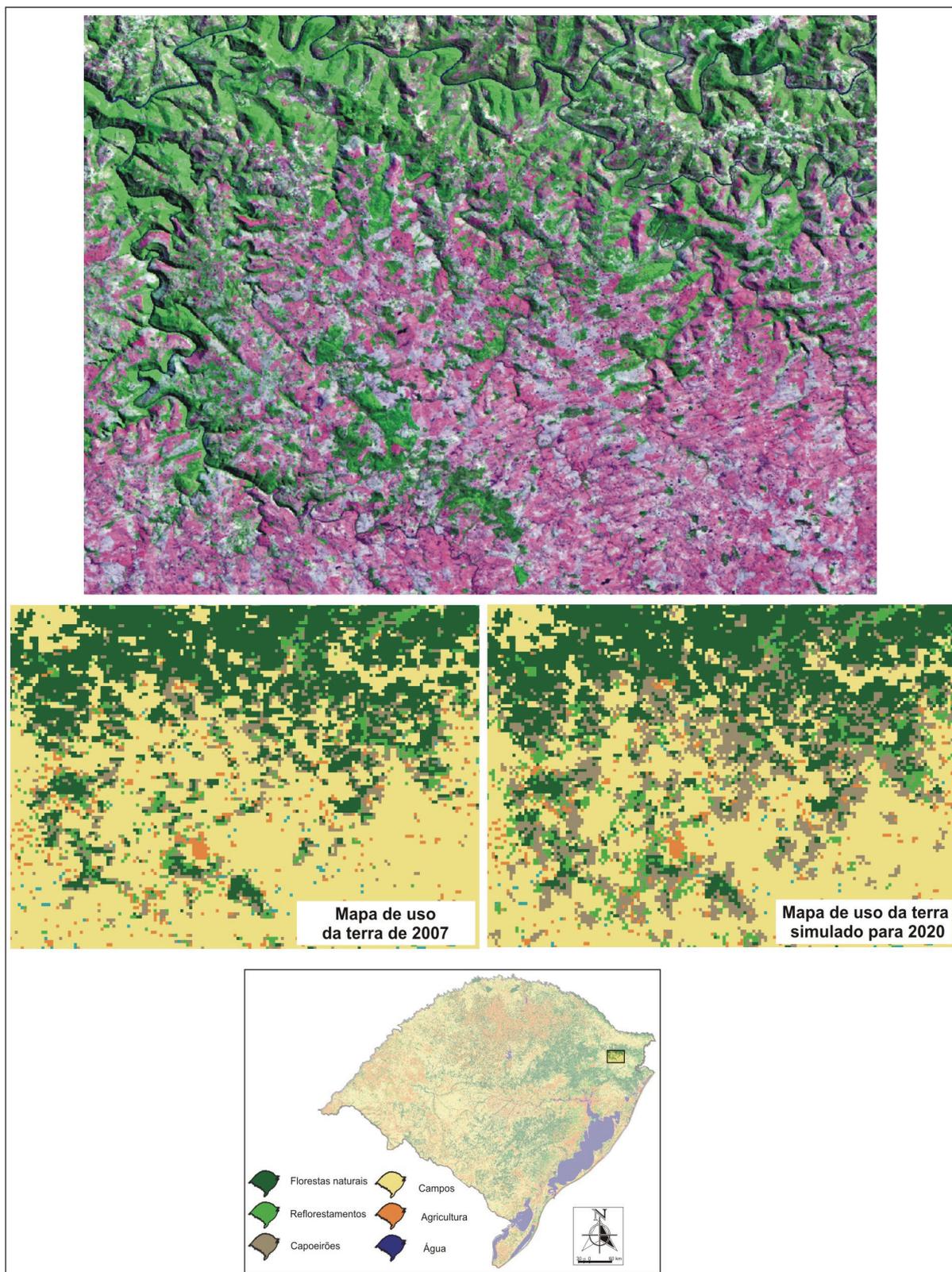


Figura 41 – Aumento das áreas de capoeirão no nordeste gaúcho (simulação de 2020). Elaboração: HENDGES (2007).

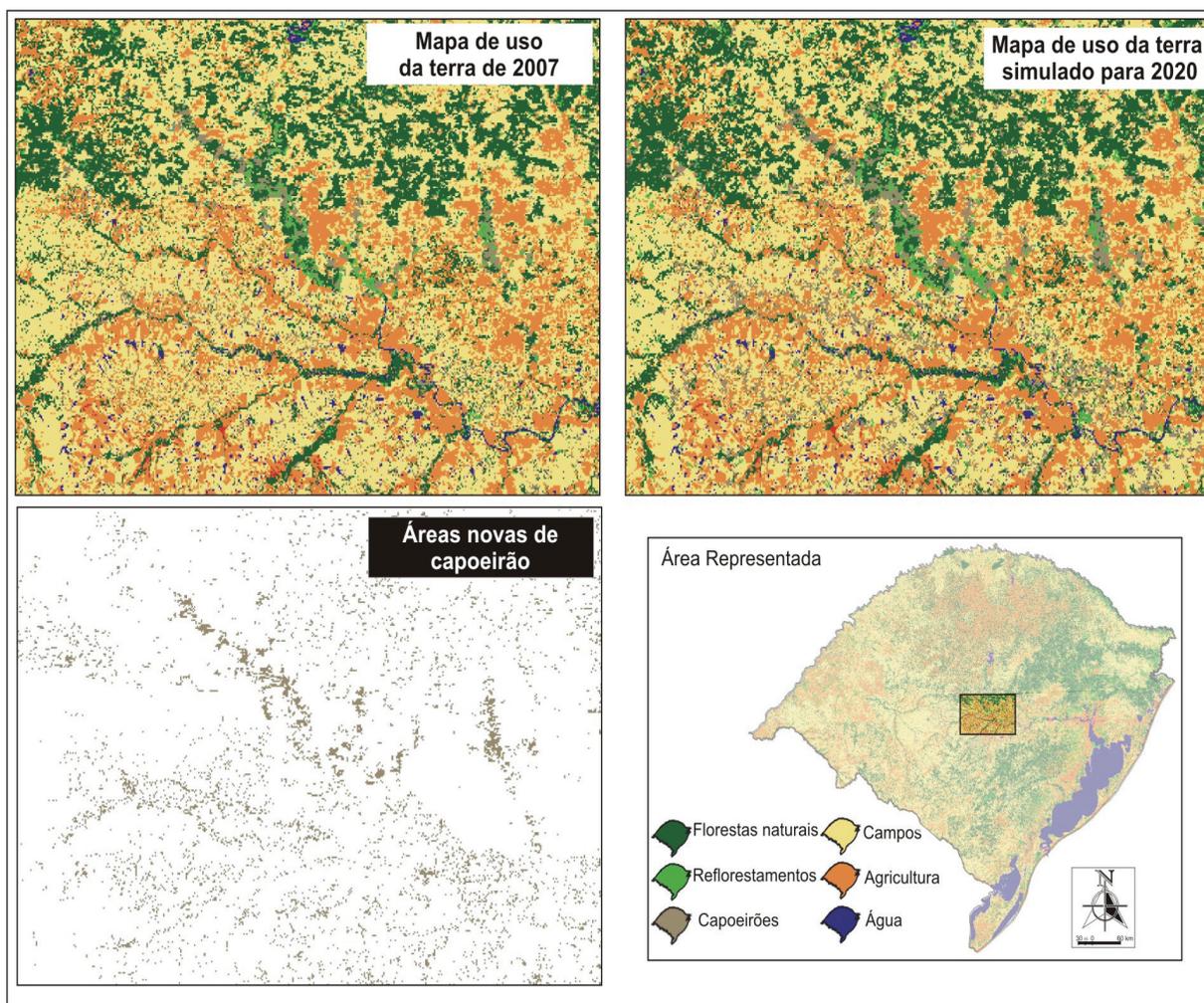


Figura 42 – Aumento do capoeirão no centro gaúcho (simulação de 2020). Elaboração: HENDGES (2007).

A região mais a oeste do Rio Grande do Sul, por sua vez, se caracteriza pela maciça presença de campos cortados por drenagens que em suas várzeas trazem a locação de lavouras irrigadas destinadas ao cultivo do arroz, que também aparecem nas proximidades de grandes barragens. É nesse contexto que esta região teve como principal resultado da simulação feita da evolução de suas classes florestais para o ano de 2020, o aparecimento de inúmeras novas áreas de reflorestamento e de capoeirão.

As florestas que não apareceram em grande escala nessa região, também não desapareceram, mantendo-se quase que em sua maioria postadas nos mesmo locais, que são predominantemente as áreas as margens dos rios, sob a forma de matas de galeria e ainda áreas de inundação que são impróprias para o cultivo. Deve-se ressaltar que as poucas novas áreas de floresta nativa que surgiram em 2020 para região da campanha são provenientes quase que somente dos usos de afloramento rochoso e de áreas de banhado.